

O PRETO COMO MALDIÇÃO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DE MÓRMON PELA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Dionatan Born Garcia¹; Luciana Iost Vinhas²

¹Universidade Federal de Pelotas – dionatan.b.garcia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucianavinhas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar discursivamente O Livro de Mórmon, um dos quatro livros usados como escritura pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, buscando compreender a forma como ele reproduz saberes relacionados à raça. Em outros termos, o trabalho tem por finalidade identificar se o registro funciona como elemento de manutenção do preconceito racial. Sendo assim, este estudo é um convite à reflexão sobre uma obra que, através de suas narrativas, nos coloca na tarefa de pensar sobre a opressão e estigmatização sofrida pelos negros dentro dos ambientes religiosos.

Para tratar sobre o assunto, lançaremos mão dos conhecimentos oriundos dos pesquisadores do racismo e estaremos ancorados na Análise de Discurso pêcheuxiana (AD), a qual tem por base o pressuposto fundamental de que esse dispositivo teórico-analítico busca compreender o funcionamento da ideologia a partir das materialidades significantes.

Para a AD, a formação discursiva é entendida como a manifestação de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. Dito isso, a partir da análise do *corpus*, propomos um questionamento referente ao funcionamento de um discurso que é atravessado por duas Formações Discursivas (FDs), sendo elas: a FD religiosa e a FD racista.

As referidas formações discursivas possuem uma característica em comum: a inflexibilidade das ideias e dos saberes. Para a FD religiosa, os saberes são determinados por Deus e, por conta disso, não podem ser relativizados ou discutidos. A FD racista é marcada pelo preconceito com os negros, os quais, por conta da cor, são vistos como inferiores aos brancos. Dito isto, o que será observado ao longo do trabalho é a forma como um discurso composto por estas duas formações discursivas veiculam os saberes referentes à raça.

2. METODOLOGIA

Com o crescente aprofundamento dos estudos sobre o racismo, torna-se cada vez mais difícil explicar em poucas palavras qual é a sua natureza; em outros termos, não podemos mais afirmar que o racismo é apenas um problema social, pois ele também é um problema histórico, político, subjetivo, ideológico, etc. Por essa razão, esse funcionamento discursivo envolve o reconhecimento de que o racismo permanece operando de forma efetiva no mundo, mas poucos são capazes de identificar suas dinâmicas (TAGUIEFF, 2001). Muitos dos teóricos que se dedicam a estudar especificamente o racismo acreditam que ele pode ser explicado como uma ideologia. A ideologia, conforme a AD, materializa-se linguisticamente, o que vai ao encontro do que teoriza GATES, JR. (1985, p. 6):

Necessita-se de pouca reflexão, contudo, para se reconhecer que essas categorias pseudocientíficas são elas próprias imagens. Quem já viu

realmente uma pessoa preta ou vermelha, uma pessoa branca, amarela ou marrom? Esses termos são construções arbitrárias, não registros de realidade. Mas a linguagem não é apenas o meio de veiculação dessa tendência insidiosa; é também o seu signo. O uso da linguagem corrente significa a diferença entre culturas e seu diferencial de poder, expressando a distância entre subordinado e superordinado, entre servo e senhor em termos de sua "raça".

Tendo isso em vista, trabalhamos com algumas noções do arcabouço teórico da AD. O estudo da ideologia na teoria é calcado na pesquisa de Louis Althusser, a qual é fundamentada no marxismo. O autor prevê que todo o indivíduo torna-se sujeito através do processo de interpelação ideológica. Há um espaço para o sujeito filiar-se ao que chamamos, na Análise do Discurso, de Formações Discursivas (FD), as quais são espaços pertencentes ao Interdiscurso e designam tudo que pode ser afirmado por sujeitos interpelados por determinada ideologia particular.

Tudo o que é formulado está em relação a um já-dito, a um sempre-já-aí proveniente do interdiscurso através das FD às quais o sujeito se filia, sendo esse processo desconhecido para ele. Acreditando-se origem dos sentidos que veicula, o que o sujeito faz é somente reproduzir os saberes presentes na memória discursiva. A partir dos elementos linguísticos analisados no Livro de Mórmon, será possível compreender o funcionamento discursivo que parece reproduzir saberes da formação discursiva racista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A forma como o discurso religioso circula dá a ele um efeito de evidência vinculado ao discurso autoritário (ORLANDI, 2006). Conforme LIMA (2002, p. 14),

O discurso religioso é marcado também pela obscuridade, a qual se deve ao fato de ocultar o que não convém que seja dito e, principalmente, por fazer com que os sujeitos tenham que se esforçar para entender o desconhecido, o intocável, o enigmático, o que está tão perto e ao mesmo tempo tão distante.

Partindo da afirmação de LIMA (2002), trabalhamos com a ideia de que a ideologia racista, reproduzida através do discurso religioso, parece encaixar-se de forma natural e inquestionável aos saberes da religiosidade. O caráter enigmático e intocável do discurso religioso acaba por, muitas vezes, ocultar problemáticas que possam estar anexas a ele, por ter a aparência de verdade inquestionável. Esta tese explica a razão para que poucos façam críticas ao racismo existente nos capítulos e versículos do Livro de Mórmon. Como pode ser visto abaixo, o livro explica a negritude como uma maldição divina, algo semelhante àquilo que acontece na Bíblia, mais precisamente, no mito de Cã. Mesmo em obras puramente literárias, materialidades como as que se encontram na sequência discursiva 1 (SD1) seriam, provavelmente, criticadas.

(SD1):

21 E ele fez cair a maldição sobre eles, sim, uma **dolorosa maldição**, por causa de sua iniquidade. Pois eis que haviam endurecido o coração contra ele de tal modo que se tornaram como uma pedra; e como eram brancos, notavelmente formosos e agradáveis, a fim de que **não fossem atraentes** para meu povo o Senhor Deus fez com que sua pele se tornasse escura.

22 E assim diz o Senhor Deus: Eu farei com que sejam a **repugnantes** a teu povo, a menos que se arrependam de suas iniquidades. (O LIVRO DE MÓRMON, II Nefí, 5, 21 – 22 [grifos nossos]).

Pode-se afirmar que a SD1 reproduz saberes de uma formação discursiva racista, afinal, nela é apresentada a tese de que a negritude existente na humanidade é fruto de um castigo divino (“dolorosa maldição”). Para materializar esta ideia, a obra lança mão de uma dicotomia bastante conhecida, sobretudo por nós brasileiros que vivemos em um país racista: o branco é belo e puro e o preto é feio e corrompido (não são atraentes; são repugnantes).

Além de retratar a negritude como maldição, o livro faz uso de adjetivos como “não atraentes” e “repugnantes” algo que, em outros contextos, seria questionado, por possuírem uma carga semântica bastante pejorativa. Obras com conteúdo preconceituoso têm sido discutidas e revisitadas por críticos. Entretanto, em obras de cunho religioso, isto ocorre com menos frequência, por serem consideradas uma verdade universal e inquestionável oriunda de um saber divino.

SD2:

6 E a pele dos lamanitas era escura, por causa do sinal que havia sido posto em seus pais como um a anátema pela **transgressão e rebeldia** deles contra seus irmãos, que eram Néfi, Jacó e José e Sam, que foram homens justos e santos.

7 E os irmãos procuraram destruí-los, sendo, portanto, **amaldiçoados**; e o Senhor pôs-lhes uma a marca, sim, em Lamã e Lemuel e também nos filhos de Ismael e nas mulheres ismaelitas.

8 E isto foi feito para que sua semente pudesse ser distinguida da semente de seus irmãos, para que assim o Senhor Deus preservasse seu povo, a fim de que não se a misturasse nem acreditasse em tradições incorretas que causariam sua destruição.

9 E aconteceu que aqueles que misturaram sua semente com a dos lamanitas fizeram recair sobre sua descendência igual **maldição**.

10 Portanto, os que se deixaram levar pelos lamanitas foram chamados por esse nome e foi-lhes posto um sinal. (O LIVRO DE MÓRMON, Alma, 3, 6 – 10 [grifos nossos]).

Nos versículos citados, está posto que “aqueles que misturaram sua semente com a dos lamanitas fizeram recair sobre sua descendência igual maldição”. Em outros termos, lemos que aqueles que constituíram família com os negros tornaram-se negros também. Entretanto, apresentar, parafrasticamente, o que está materializado no livro pode nos fazer não analisar os sentidos que estão sendo movimentados. De acordo com o livro, Deus tornou a pele dos iníquos escura para que eles não pudessem ser confundidos com o povo justo. Essa marca era também uma mensagem para que os Nefitas não tivessem relações sexuais com os de pele escura, pois, caso isso acontecesse, a maldição seria passada para os seus descendentes.

Para ORLANDI (1988, p. 85), “há variação nos sentidos e há sedimentação histórica dos sentidos”; considerando o que defende a autora, é possível afirmar que, ao veicular o referido discurso, o Livro de Mórmon proporciona conservação ao seguinte pensamento: os negros não possuem a mesma beleza e nem os mesmos atributos que os brancos: isso está marcado e determinado em sua pele que é escura. Movimentando o mesmo sentido, ainda hoje, escutamos e lemos coisas como: “é melhor casar com branco para clarear a família” ou “o fulano é muito bom, um negro de alma branca”. Tais proposições expõem a sedimentação dos sentidos à qual ORLANDI (1988) se refere.

Com base nas condições de produção, identificamos a variação nos sentidos. No século XIX, período em que o livro foi publicado pela primeira vez, o racismo que vigorava ideologicamente, fazia com que a maioria dos brancos não tivesse o desejo de constituir família com negros, muitos por desprezo e outros por medo que seus filhos fossem mal vistos pela sociedade.

O discurso, o qual é definido como “[...] efeito de sentidos entre interlocutores” por PÊCHEUX (1969, p.82), não carrega sentidos prontos, ao contrário, é significado no momento da interlocução. Assim sendo, de forma lenta, o que foi veiculado sobre os negros, aquilo que estava sedimentado, hoje, se encontra em processo de questionamento e de resistência aos saberes dominantes. Por esta razão, é possível que este estudo exista.

4. CONCLUSÕES

É importante trazer a lume as marcas discursivas que corroboram para a manutenção do racismo em nossa sociedade. Utilizar o arcabouço teórico da AD em textos religiosos é, ainda, algo pouco comum. Porém, considerando toda a influência destas materialidades, há relevância em analisar e refletir sobre obras tidas como sagradas. Sendo assim, este trabalho não visa atacar a fé daqueles que acreditam na divindade dos relatos, mas apresentar uma análise do que se encontra materializado nas palavras sobre o papel.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GATES, Henry Louis, Jr. **"Editor's introduction: writing 'race' and the difference it makes"**. Univ. of Chicago Press, 1985.

LIMA, Elisane Pinto da Silva Machado de. **Se formos fiéis a ele, ele certamente será fiel a nós: a condicionalidade e o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 2002.

O Livro de Mórmon: Outro Testamento de Jesus Cristo. Sala de Imprensa Mórmon. Disponível em:
<<https://www.saladeimpresamormon.org.br/artigo/o-livro-de-m%C3%B3rmon--ou-tro-testamento-de-jesus-cristo>>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp.61-161, 1969.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al]. Campinas: UNICAMP, 1988.

TAGUIEFF, P.-A. **The force of prejudice: on racism and its doubles**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2001.